

Estudo da variação do conteúdo de biflavonóides de *Caesalpinia pyramidalis* de diferentes regiões

Marcus V. Bahia^{1*} (PG), Jamile S. Batista¹ (IC), Jorge M. David¹ (PQ), Juceni P. David² (PQ)

¹Instituto de Química, ²Faculdade de Farmácia, Universidade Federal da Bahia, 40170290, Salvador, Bahia, Brasil
mvbahia@ufba.br

Palavras Chave: Biflavonóides, CLAE, *Caesalpinia pyramidalis*

Introdução

Caesalpinia pyramidalis Tull. é uma árvore endêmica do sertão nordestino, pertencente a família Leguminosae e conhecida popularmente como “catingueiro” ou “pau-de-rato”¹. Em estudos anteriores com a espécie foram isolados uma variedade de biflavonóides, flavonóides, triterpenos e fenilpropanóides^{2,3}. Neste trabalho relatamos o estudo da variação de biflavonóides presentes em espécies de *C. pyramidalis* coletadas em diferentes regiões do Nordeste brasileiro.

Resultados e Discussão

Os extratos orgânicos das folhas de *C. pyramidalis* foram obtidos a partir de espécimes coletados em Ipirá (BA), três diferentes espécimes em Feira de Santana (BA), Valente (BA), Riachão do Jacuípe (BA), Serra Talhada (PE); Sertânia (PE) e Santa Luzia (PB). As folhas de *C. pyramidalis* foram trituradas, e em seguida maceradas por 48 horas em metanol. O extrato metanólico obtido foi particionado em solução de hexano/MeOH:H₂O (9:1), fornecendo a fase hidroalcoólica e hexânica. A fase hidroalcoólica foi concentrada e posteriormente particionada em solução de MeOH/H₂O (6:4) e clorofórmio, obtendo-se desta maneira a fase hidroalcoólica e a clorofórmica. Os extratos CHCl₃ de *C. pyramidalis* coletadas nas cidades descritas acima foram submetidas à CC em gel de sílica utilizando como eluente CHCl₃:AcOEt:MeOH em gradiente crescente de polaridade. A fração eluída na proporção CHCl₃:AcOEt (1:1), apresentou-se enriquecida de biflavonóides a partir de avaliação dos espectros de RMN ¹H. As frações dos extratos, obtidos com esta polaridade foram injetadas no CLAE-EM com modo de ionização ACPI e como eluente a mistura de MeOH:H₂O (75:25) empregando-se como padrões agathisflavona (1), amentoflavona (2), podocarpusflavona A (3), caesalflavona (4) e sequoiaflavona (5) (Figura 1). Os cromatogramas obtidos, juntamente com os espectros de massas, resultados das análises por CLAE-EM dos biflavonóides permitiram identificar a presença de diferentes biflavonóides nos espécimes estudados(Tabela 1).

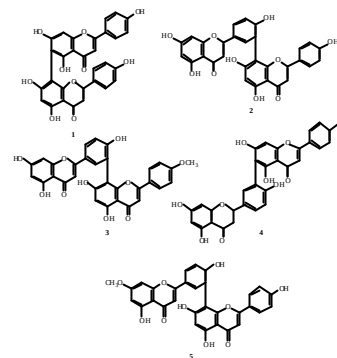


Figura 1. Padrões utilizados na análise de biflavonóides em *C. pyramidalis*.

Tabela 1. Porcentagem de biflavonóides isolados das espécies de *C. pyramidalis*

Espécime	1	2	3	4	5
Feira de Santana-BA	1,0	-	-	-	-
Feira de Santana-BA (rua das rosas, 14 anos)	0,05	-	-	-	-
Feira de Santana-BA (rua João de Brito, 10 anos)	0,001	-	-	-	-
Ipirá-BA	0,01	-	-	-	-
Riachão do Jacuípe-BA	-	0,03	-	-	0,001
Valente-BA	0,05	0,001	0,005	0,001	-
Serra Talhada-PE	-	-	-	-	-
Sertânia-PE	-	-	-	-	-
Santa Luzia-PB	-	0,002	-	-	-

Conclusões

As espécies coletadas em Serra Talhada-PE, Sertânia-PE e Santa Luzia-PB não apresentaram na sua composição biflavonóides. Nas espécies coletadas no Estado da Bahia ocorreu uma variação da composição dos biflavonóides dependendo da região em que foi coletada. Deste modo podemos considerar que a biossíntese destes metabólitos na planta depende claramente das condições climáticas, de solo, idade da folha e de outros fatores característicos de cada região do Estado.

Agradecimentos

Ao CNPq, CAPES e FAPESB pelos auxílios e bolsas.

1Inventário de Plantas Medicinais do Estado da Bahia. SEPLANTEC. Subsecretária de Ciências e tecnologia, 1979.

2Mendes, C.C., Bahia, M. V., David, J. M., David, J.P. Fitoterapia, 2000, 71, 205-207.

3Bahia, M.V.; Batista, J. S.; David, J.M.; David, J.P. J. Braz. Chem. Soc. 2005, 16, 1402.